

Tradução das Cartas Poemas de Amor de ‘Hegel para sua Noiva’ Marie von Tucher

PAULO ROBERTO KONZEN¹

A principal motivação para traduzir as duas cartas poemas de amor de ‘Hegel para sua noiva’ Marie von Tucher é expor e tentar esclarecer o que o citado autor compreende por “amor ético” (*sittliche Liebe*), conceito objeto de minha atual pesquisa de pós-doutorado (2016-2017). Trata-se de conteúdo assaz importante e peculiar para analisar o que Hegel apresenta como sendo amor ao enunciar seu próprio amor por sua futura esposa e mãe de seus filhos.

Ora, uma das referências às cartas poemas que mais se destaca é a de Regina Schulte, no texto “Hegel heiratet Marie von Tucher” (Hegel se casa com Marie von Tucher), quando afirma:

Hegel se casa somente quando ele ama e, talvez, ele ama também somente quando ele pôde se casar, quando para ele "as circunstâncias dessa felicidade" não mais se "recusam". Porque antes ele havia declarado seu amor, em 13 de abril, e ele havia assegurado a possibilidade de casamento mediante pedido ao pai da noiva. Hegel estava, obviamente, amando, quando ele tomou a mão de Marie von Tucher, feliz quando ele recebe seu compromisso, seu coração está transbordando enquanto ele sabe que ela [cor]respondeu ao seu amor. Essa exuberância jorra em dois poemas, que ele lhe enviou em abril [de 1811].²

¹ Professor Adjunto da UNIR (Universidade Federal de Rondônia) e Pós-Doutorando em Filosofia na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), de 15.02.2016 a 15.01.2017. E-mail: prkonzen@unir.br

² SCHULTE, Regina. Hegel heiratet Marie von Tucher. In: *Historische Anthropologie*. Volume 17, Issue 3, janeiro de 2013. p. 345-359. p. 351: „Hegel heiratet erst, als er liebt und vielleicht liebt er auch erst, als er heiraten kann, als ihm„die Umstände dieses Glück“ nicht mehr „verweigern“. Denn bevor er seine Liebe erklärt hatte, vor dem 13. April, hatte er die Möglichkeit der Heirat durch Anfrage beim Vater der Braut gesichert. Hegel war

Trata-se, respectivamente, segundo *Briefe von und an Hegel*³ (*Cartas de e para Hegel*), das cartas [poemas] n° 178 e 180, escritas para sua futura noiva (*Braut*) em 13.04.1811 e para sua prometida noiva (*Braut*) em 17.04.1811, que traduzimos, abaixo, colocando entre colchetes ao final dos versos o termo usado em alemão, a fim de destacar a rima usada pelo autor (infelizmente difícil de reproduzir ou manter em Português):

178. Hegel para sua noiva⁴

Para Marie,

13 de abril de 1811

Suba comigo aos cumes das montanhas [*Bergeshöhen*]

Desprende-te das nuvens [*Ios*];

Deixe-nos estar aqui no éter [*stehen*],

Na luminosidade do incolor colo [*Schoß*].

O que a opinião no sentido tem lançado [*gegossen*],

Metade de verdade e de ilusão é misturada [*gemischt*],

As névoas sem vida estão dissipadas [*zerflossen*],

Sopro de vida e de amor ela tem mesclado [*verwischt*].

Lá embaixo este vale do estreito nada [*unten*],

offensichtlich verliebt, als er um Marie von Tuchers Hand anhielt, glücklich, als er ihre Zusage bekommt, sein Herz quillt über, als er weiß, dass sie seine Liebe beantwortet. Dieser Überschwang ergießt sich in zwei Gedichte, die er im April an sie schickt.“

³ *Briefe von und an Hegel*. Hg. von Johannes Hofmeister. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1952. Band I: 1785-1812.

⁴ *Idem*. p. 352-353.

Mera pena, que com pena se paga [*lohnt*],
Sentido apático ao desejo interligado [*gebunden*],
Nunca por seu coração foi habitado [*bewohnt*].

Do vale escuro se eleva a ti o maior ansiar [*Sehnen*],
Do interior dele se abre [*auf*]
Para ti a luz do bom e do belo [*Schönen*],
Toma nessa colina matinal teu caminho [*Lauf*].

Brilha mais vermelho o sol seus raios [*Lüfte*];
Indeterminado castigo tece [*webt*]
Pelo ensino e saber deste aroma [*Düfte*]
Para a imagem, na qual o desejo vive [*lebt*].

Mas fora dele não bate mais nenhum coração [*herüber*];
Como os tons de saudade ele recebe [*empfängt*],
Manda eco sem alma ele novamente [*wieder*],
Em si mesmo ele permanece apertado [*beengt*].

Os sentimentos, que nos nervos se deleitam [*schwelgen*],
Tem trazido para si aspiração lisonjeira [*Schmeichelhauch*];
Neste nevoeiro a alma precisa murchar [*verwelken*]
Vento mais venenoso é essa fumaça de sacrifício [*Opferrauch*].

Veja aqui o altar nos cumes das montanhas [*Bergeshöhen*],
Em que a Fênix na chama morre [*stirbt*],
Para na juventude eterna ressurgir [*aufzugehen*],
Que ela apenas nas suas cinzas adquire [*erwirbt*].

Sob si foi varrido seu sentido [*Sinnen*],
Tinha-o para si mesmo reservado [*gespart*],
Agora deve seu ponto de ser-aí desfazer [*zerrinnen*].
E a dor do sacrifício foi para ele difícil [*hart*].

Mas sentindo uma imortal aspiração [*Streben*],
Algo o impulsiona além de si mesmo [*hinaus*];
Mesmo se a natureza terrena temer [*erbeben*],
Leva-o adiante nas chamas [*aus*].

Tombam assim fortes laços que nos separam [*scheiden*],
Apenas um sacrifício é o caminho do coração [*Lauf*];
Expandir eu para você, você para mim [*erweiten*],
Vá para o fogo o que nos isola [*auf*]!

Pois a vida é apenas mudança de vida [*Wechselleben*],
Que o amor no amor cria [*schafft*];

As almas afins se consagram [*hingegen*],

O coração torna-se sua força [*Kraft*].

Suba o espírito nos livres cumes das montanhas [*Bergeshöhen*],

Ele não se reserva nada de próprio [*zurück*];

Eu vivo, para me ver em ti, [e] tu para se ver em mim [*sehen*],

Assim gozamos o céu de felicidade [*Glück*]ⁱ.

Trata-se de poema que busca conquistar sua amada, expressar seus sentimentos, seu desejo de sair do vale do estreito nada, do vale escuro, a fim de subir juntos nos livres cumes das montanhas, em que o sol brilha mais vermelho seus raios, em que possam unidos gozar o céu de felicidade. Hegel espera conseguir tombar os fortes laços que os separam, colocar no fogo o que os isola, e como a Fênix ressurgir juntos das cinzas para uma nova vida, em que possam mutuamente um se expandir para o outro e viver um se vendo no outro.

Depois disso, três dias mais tarde, após o noivado já aceito, nova carta poema de amor, bem mais curta, mas muito mais enfática, contendo até a frase: “Como eu te amo” (*Wie ich Dich lieb*’).

180. Hegel para sua noiva⁵

Para Marie

17 de abril de 1811

Tu minha! Este coração meu posso nomear [*nennen*],

Em teu olhar [*Blick*]

⁵ *Ibidem*, p. 355-356.

Reflexo do amor [posso] reconhecer [*erkennen*],

Oh encanto, oh suprema felicidade [*Glück*]!

Como eu te amo, agora posso lhe dizer [*sagen*],

O que no oprimido peito [*Brust*]

Tanto tempo por ti está a bater [*geschlagen*],

Torna-se, posso agora, sonoro prazer [*Lust*]!

Mas, pobre palavra, o amor encanto [*Lieb' Entzücken*],

Como internamente se impele e empurra [*drängt*]

Para dentro do coração, [mas para] expressar [*auszudrücken*]

Tua força é delimitada [*beschränkt*].

Eu poderia, rouxinol, te invejar [*neiden*]

Por teu poder de cantar [*Kehle Macht*];

Mas naturalmente tem a linguagem só do sofrer [*Leiden*]

Invejoso, assim, tão eloquente se fez [*gemacht*]!

Mas se o exprimir pela boca [*Munde*]

O amor bem-aventurança [*Seligkeit*]

Não se pode expressar, [só] com união [*Bunde*]

Aos amantes é concedida [*verleiht*]

Se nele um mais íntimo sinal [*Zeichen*];
O beijo é a linguagem mais profunda [*ist*],
Com isso as almas se alcançam [*erreichen*],
Meu coração em teu transborda [*überfließt*].ⁱⁱ

Além disso, em 18 de abril de 1811, Hegel ainda compartilha com seu amigo de longa data Friedrich Immanuel Niethammer, que obteve “o enlace com uma sublime, amável, boa menina. Minha felicidade em parte está ligada à condição de que consegui um emprego na Universidade”⁶, sem o que o casamento com membra de uma família importante (von Tucher⁷) certamente não teria sido aceito. Ora, segundo a carta, Hegel recebeu a mão de Marie von Tucher no dia 16 de abril:

Desde anteontem, tenho a certeza de que posso chamar de meu este amado coração. – Sei que você me deseja felicidade de coração. Eu também lhe disse que iria escrever primeiro para você e para a melhor mulher. – Ela se chama Marie von Tucher. Você e a melhor mulher se viram aqui. – Possamos ir juntos para Erlangen – como seria bom isso. [...] Vou poupar-me a descrição de como me sinto feliz;⁸

Mas, além das duas cartas poemas traduzidas acima, Hegel ainda escreveu outras duas cartas para sua noiva no “verão de 1811” (*Sommer 1811*), das quais convém aqui só destacar um trecho, pois Peter Sloterdijk até chamou-a de “carta de amor crítica” (*kritischen Liebesbrief*):

Hegel tinha 41 anos e Marie von Tucher 20 anos quando se casaram, apesar da resistência inicial desta família patricia de Nuremberg, a qual não estava convencida das capacidades de satisfação de um filósofo-professor. Nos primeiros tempos de seu relacionamento, Hegel escreveu para sua noiva uma carta de amor crítica – tais

⁶ *Ibidem*, p. 356: „[...] die Verbindung mit einem heben, lieben, guten Mädchen. Mein Glück ist zum Teil an die Bedingung gebunden, daß ich eine Stelle auf der Universität erhalte.“

⁷ Marie Helena Susanne von Tucher era a filha mais velha de Jobst Wilhelm Karl von Tucher (1762-1813).

⁸ *Ibidem*, p. 356: „Seit vorgestern habe ich die Gewissheit, dass ich dieses liebe Herz mein nennen darf. – Ich weiß, Sie wünschen mir herzlich Glück dazu. Ich hab ihr auch gesagt, daß ich zuerst Ihnen und der besten Frau schreiben werde. – Sie heißt – Marie von Tucher. Sie und die beste Frau haben sie hier gesehen. – Kämen wir zusammen nach Erlangen – wie schön wäre dies. [...] Ich erspare mir die Beschreibung, wie glücklich ich mich fühle;“

coisas que realmente apenas filósofos são capazes. O processo é extremamente esclarecedor: Marie tinha em uma de suas cartas feito uma diferença entre o seu amor por ela e o seu amor por ele.⁹

Ora, na carta, Hegel escreve: “Teu amor por mim, meu amor por ti – assim particularmente pronunciados – trazem uma distinção, que separa o nosso amor; e o amor é apenas nosso [amor], apenas esta unidade, apenas este vínculo”.¹⁰ E depois, fala da “essência amável” (*lieben Wesen*) de Marie e termina escrevendo: “Sinto que [...] aumentaram ainda mais a intimidade e profundidade do meu amor por você. [...] sinto e reconheço sempre mais sobre como és amável, amorosa e afetuosa. [...] Até logo – mais amada, mais amada, adorável Marie. Teu Wilhelm”¹¹.

De fato, Hegel com a idade de 41 anos se casou com Marie Helena Susanne von Tucher (1791-1855), 20 anos mais nova. O casamento ocorreu no dia 16 de setembro de 1811 e consta que permaneceram no amor recíproco, mútuo, até a morte de Hegel, em 1831. O casal teve dois filhos: Karl Friedrich Wilhelm Hegel (1813-1901) e Thomas Immanuel Christian Hegel (1814-1891)¹².

i 178. Hegel an seine Braut

An Marie

den 13 April 1811

⁹ SLOTERDIJK, Peter. Hegel hat gewonnen. In: *Der Spiegel* 14/2007, de 02.04.2007: „Hegel hat mit 41 Jahren die 20-jährige Marie von Tucher geheiratet, gegen anfängliche Widerstände dieser Nürnberger Patrizierfamilie, die von der Satisfaktionsfähigkeit eines Philosophen-Lehrers nicht überzeugt war. In der Anfangszeit ihrer Beziehung schrieb Hegel seiner Braut einen kritischen Liebesbrief - zu solchen Dingen sind wirklich nur Philosophen fähig. Der Vorgang ist extrem erhellend: Marie hatte in einem ihrer Briefe einen Unterschied gemacht zwischen seiner Liebe zu ihr und ihrer Liebe zu ihm.“

¹⁰ *Ibidem*, p. 368: „Deine Liebe zu mir, meine Liebe zu Dir – so besonders ausgesprochen – bringen eine Unterscheidung herein, die unsere Liebe trennte; und die Liebe ist nur unsere, nur diese Einheit, nur dieses Band.“

¹¹ *Ibidem*, p. 369: „ich fühle [...] die Innigkeit und Gründlichkeit meiner Liebe zu Dir noch vermehrt worden ist. [...] ich Dich immer tiefer, durch und durch liebenswürdig, liebend und liebevoll fühle und erkenne. [...] Lebe wohl – liebste, liebste, holdselige Marie. Dein Wilhelm.“

¹² O casal teve antes uma filha, em 1812, mas que faleceu logo depois do nascimento. Hegel, antes do casamento com Marie, teve um filho ilegítimo (*unrechtmäßigen Sohn*) com Christiane Charlotte Burkhardt (nascida Fischer), chamado Georg Ludwig Friedrich Fischer (1807-1831).

Tritt mit mir auf Bergeshöhen
Reiß Dich von den Wolken los;
Laß uns hier im Aether stehen,
In des Lichtes farbelosem Schoß.

Was die Meinung in den Sinn gegossen,
Halb aus Wahrheit, halb aus Wahn gemischt,
Die leblosen Nebel sind zerflossen,
Lebens-, Liebehauch hat sie verwischt.

Jenes Tal des engen Nichts dort unten,
Eitler Mühe, die mit Mühe lohnt,
Dampfen Sinns an die Begier gebunden,
Nie hat es Dein Herz bewohnt.

Aus der Talnacht hob Dich höh'res Sehnen,
Aus dem Innern schloß sich auf
Dir das Licht des Guten und des Schönen,
Nahmst zum Morgenhügel Deinen Lauf.

Glanz der Sonne rötet seine Lüfte;
Unbestimmte Ahndung webt
Sich nach Lehr' und Wissen diese Däfte
Zu dem Bild, in dem die Sehnsucht lebt.

Aber aus ihm schlägt kein Herz herüber;
Wie des Sehns Töne sie empfängt,
Schicket Echo seelenlos sie wieder,
Auf sich selber bleibet sie beengt.

Die Gefühle, die im Sehnen schwelgen,
sind dem Selbst gebrachter Schmeichelhauch;

In dem Dunst die Seele muß verwelken
Gift'ger Wind ist dieser Opferrauch.

Sieh den Altar hier auf Bergeshöhen,
Auf dem Phönix in der Flamme stirbt,
Um in ewger Jugend aufzugehen,
Die ihm seine Asche nur erwirbt.

Auf sich war gekehrt sein Sinnen,
Hatte sich zu eigen es gespart,
Nun soll seines Daseins Punkt zerrinnen.
Und der Schmerz des Opfers ward ihm hart.

Aber fühlend ein unsterblich Streben,
Treibt's ihn über sich hinaus;
Mag die irdische Natur erbeben,
Führt er es in Flammen aus.

Fallt so, enge Binden, die uns scheiden,
Nur ein Opfer ist des Herzens Lauf;
Mich zu Dir, zu mir Dich zu erweitern,
Geh' in Feu'r, was uns vereinzelt, auf!

Denn das Leben ist nur Wechselleben,
Das die Lieb in Liebe schafft;
Der verwandten Seele hingegeben,
Tut das Herz sich auf in seiner Kraft,

Tritt der Geist auf freie Bergeshöhen,
Er behält vom Eignen nichts zurück;
Leb' ich, mich in Dir, Du Dich in mir zu sehen,
So genießen wir der Himmel Glück.

ii 180. Hegel an seine Braut

An Marie

den 17 April 1811

Du mein! Solch Herz darf mein nennen,

in Deinem Blick

Der Liebe Wiederblick erkennen,

O Wonne, o höchstes Glück!

Wie ich Dich lieb', ich darf's jetzt sagen;

Was in gepresster Brust

So lang entgegen dir geschlagen,

Es wird', ich darf nun, laute Lust!

Doch armes Wort, der Lieb' Entzücken,

wie's innen treibt und drängt

Zum Herz hinüber, auszudrücken

Ist Deine Kraft beschränkt.

Ich könnte, Nachtigall, Dich neiden

Um Deiner Kehle Macht,

Doch hat Natur die Sprache nur der Leiden

Mißgünstig so beredt gemacht!

Doch wenn durch Rede sie dem Munde

Der Liebe Seligkeit

Nicht auszudrücken gab, zum Bunde

Der Liebenden verleiht

Sie ihm ein innigeres Zeichen;

Der Kuß die tiefe Sprache ist,

Darin die Seelen sich erreichen,

Mein Herz in Deines überfließt.